



**UNIVERSIDADE ESTADUAL DE CAMPINAS IEL –
INSTITUTO DE ESTUDOS DA LINGUAGEM
LINGUÍSTICA**

**CODAS NASAIS NO PORTUGUÊS DE CAMPINAS: UMA
INVESTIGAÇÃO SOBRE MUDANÇA LINGUÍSTICA**

ANDRÉ ANDRADE



CAMPINAS OUTUBRO/2020

1 – RESUMO

Este trabalho propôs investigar a produção de consoantes nasais em coda silábica no PB da região de Campinas. Escolheu-se ter como base o trabalho de Mattoso Câmara Jr., que escreveu sobre o assunto, tomando como exemplo os falantes nativos do Rio de Janeiro da época. A metodologia proposta foi experimental dentro da fonologia de laboratório.

2 - INTRODUÇÃO

Na fala corriqueira do Português Brasileiro, bem como em qualquer língua, há vários fenômenos fonológicos que governam sua pronúncia, como a preferência universal por sílabas sem coda (BYBEE, 2001 *apud* ENGELBERT *et al*, 2014). Esta preferência provoca a existência de variantes na fala comum, e variações são de grande interesse da Linguística.

Mais especificamente, a preferência por sílabas sem coda, no PB, pode gerar, dentre várias outras coisas, duas variedades da produção de consoantes nasais em posição de coda silábica pós-vocálica, isto é, a efetiva produção da consoante, ou a redução dela para somente a nasalização da vogal que a precede, como em “*andar*” ([ã. 'da] ao invés de [ən. 'da]).

Segundo Mattoso Câmara Jr. (1953), não haveria vogais intrinsecamente nasais no português. A vogal nasalizada é decorrente de uma coda nasal que trava a sílaba, mesmo quando esta consoante nasal não é foneticamente realizada. Um argumento de Câmara é o fato de que, segundo ele, “sândi vocálico é bloqueado se a primeira vogal for nasal” (BISOL, 2016). Por exemplo, “*casa amarela*” pode ser realizado como “*casamarela*” em fala rápida, mas este não seria o caso de “*a órfã andou*”. No entanto, no português atual, o sândi não parece ruim no último exemplo. O que acontece de fato no português falado atualmente? Este estudo ainda não foi realizado.

Nesse sentido, o interesse desta pesquisa é justamente verificar experimentalmente a

realização ou não da coda nasal e do sandhi em contexto de vogais nasais.

4 – MATERIAIS E MÉTODOS

A proposta foi de realizar gravações com falantes nativos de português com as locuções contendo vogais nasais nas fronteiras de palavras (listadas abaixo em (2)) dentro de uma frase veículo. Além disso, também dentro de frases veículo, as palavras em (1) contendo coda nasal seriam gravadas para comparação.

- 1) Andar; 2) Campo; 3) Tampa; 4) Pança; 5) Planta; 6) Bambu

Essas duas listas seriam então submetidas à análise acústica pelo programa PRAAT, o que determinará se os falantes têm a consoante em coda, ou se somente nasalizam a vogal. E, finalmente, se há o apagamento vocálico previsto no processo de sandhi.

Os mesmos falantes gravarão também a seguinte lista:

- 1) Também enamorado; 2) Ninguém elabora; 3) Álbum único; 4) Comum união 5) Anciã atrapalhada; 6) Aqueçam a água

Esta lista foi elaborada para investigar o comportamento de outras vogais que não a vogal baixa /a/.

Por fim, essas gravações também seriam submetidas a análises acústicas, auxiliadas pela ferramenta de análise acústica PRAAT. As análises servirão para verificar se as consoantes são efetivamente produzidas, através da procura por um reforço do F1 na análise espectral, como explica Cagliari:

“When the acoustic structure of nasal consonants is compared with the acoustic structure of nasalized vowels, they present opposite characteristics. The F-1(formant one) of nasal consonants is reinforced and the other formants are weakened. The F-1 of nasalized vowels is weakened and the other formants are reinforced.” (Cagliari, 1977, p.189) Os resultados obtidos serão quantificados com o auxílio de outra ferramenta, o MaxEnt,

que utiliza os inputs para gerar modelos computacionais padronizados.



DISCUSSÃO / CONCLUSÕES

É necessário atentar-se para o fato de que os projetos de Iniciação Científica usualmente têm a duração de doze meses. No entanto, esta bolsa foi atribuída com tempo de cinco meses apenas. Além disso, vale lembrar que o primeiro dia da vigência do presente projeto de Iniciação Científica foi 13 de março de 2020, o mesmo dia em que a UNICAMP declarou o início da quarentena que, a princípio, teria 14 dias, mas, como se sabe, até a data máxima de entrega deste relatório (30/08/2020), terá atingido cinco meses e meio, sem previsão visível de término.

Este fato causou diversos transtornos, que afetaram drasticamente a realização do trabalho.

Parte dos textos indicados como base teórica permanece inacessível, dentro da Biblioteca do IEL, que está fechada desde 13 de março de 2020.

Em especial, quatro textos de Mattoso Câmara Jr. parecem imprescindíveis para a realização deste projeto. Eles são citados por Bisol e Mendonça Leal, entre outros, quando descrevem que Mattoso indiretamente aborda sândi vocálico ao falar de vocábulos fonológicos e tonicidade. Não foi possível o acesso direto àqueles textos.

O único texto encontrável na Internet foi “Para o Estudo da Fonêmica Portuguesa”, de Mattoso Câmara Jr., 1977, a segunda edição da obra de 1953. Ele foi adquirido e, após estudo, concluiu-se que não era suficiente.

Como o cerne do projeto inclui gravações de falantes nativos que, idealmente, seriam realizadas com o mesmo equipamento, em condições similares, com o monitoramento presencial do aluno realizador do trabalho, pode-se dizer que a mesma pandemia, que obrigou todos à quarentena, impediu que mesmo esta parte fundamental do trabalho fosse realizada, ainda que somente para que um estudo fosse feito, para ser apresentado aqui. Enfim, o impedimento da realização das gravações durante todo este tempo, impediu a realização do trabalho.

Finalmente, o trabalho experimental somente poderia ser realizado após submetê-lo ao Comitê de Ética, através da Plataforma Brasil. Infelizmente, como não pude selecionar os consultores para a gravação, o pedido para a comissão de ética não foi realizado.

Infelizmente, dada a pandemia, o trabalho de pesquisa não foi realizado, principalmente porque gravações com qualidade para a realização de análise acústica não foram possíveis no período de vigência da bolsa, que iniciou juntamente à pandemia.



- BATTISTI, Elisa. **A nasalização no português brasileiro pela Teoria da Otimidade**: Revista de Estudos Linguísticos, v7, n1, p. 59-89. 1998. Universidade de Caxias do Sul, Belo Horizonte, 1998.
- BISOL, L. **A Nasalidade Fonológica no Português e suas restrições**. Diadorim, Rio de Janeiro, Especial 2016, p.116 – 126
- BISOL, L. **Sândi Vocálico Externo: Digeminação e Elisão**. Caderno de Estudos Linguísticos, Campinas, 1992
- CAGLIARI, L C. **An experimental study of nasality with particular reference to brazilian Portuguese**. PhD Thesis, University of Edinburgh, 1977
- CAGLIARI, Luiz Carlos. **Elementos de fonética do português brasileiro**. 1981. 192f. Tese (livre-docencia) - Universidade Estadual de Campinas, Instituto de Estudos da Linguagem, Campinas, SP. Disponível em: <http://www.repositorio.unicamp.br/handle/REPOSIP/268979>.
- CÂMARA JR, J. Mattoso. **Para o estudo da fonêmica portuguesa**. Padrão – Livraria Editora LTDA, Rio de Janeiro, 1977
- LEAL, Kate Barbara de Mendonça. **UM ESTUDO DO SÂNDI EXTERNO: O CONTATO ENTRE O PORTUGUÊS DO BRASIL E O MBYÁ GUARANI**. 2015. Dissertação de Mestrado (Mestrado em Linguística) - Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2015. Disponível em: <http://www.ppglinguistica.letas.ufrj.br/images/Linguistica/2-Mestrado/dissertacao/2015/8-LealKBM.pdf>. Acesso em: 13 maio 2020.
- 10
- Souza, L. C. da Silva; Pacheco, V. **Uma Análise Acústica das Vogais Orais, Nasais e Nasalizadas no Dialeto de Vitória da Conquista, Bahia** SIGNUM: Estud. Ling., Londrina, n. 15/2, p. 401-431, dez. 2012
- Hogetop, Denise N. et al. **O fenômeno da degeminação na fala de crianças em processo de aquisição da linguagem**. Revista Virtual de Estudos da Linguagem – ReVEL. Edição especial n. 1, 2007. 8